

# O COMPORTAMENTO DAS CONSOANTES CORONAIIS EM CODA SILÁBICA NA LÍNGUA NEGAROTÊ (NAMBIKWÁRA DO NORTE)<sup>1</sup>

Ana Gabriela M. Braga (UFPE/VU Amsterdam)

[gabibraga88@gmail.com](mailto:gabibraga88@gmail.com)

## INTRODUÇÃO

O estudo das línguas indígenas é uma forma de contribuir para a preservação de um dos mais importantes elementos da cultura de um povo: a língua. Atualmente são faladas no Brasil cerca de 180 línguas indígenas, localizando-se a maior parte delas na região amazônica (SEKI, 2000). Grande parte destas línguas corre o risco de ser extinta sem que haja sobre elas nenhuma forma de registro, já que se trata de línguas ágrafas. Dentre estas línguas, destacamos o Negarotê, que faz parte da família linguística Nambikwára, ramo Nambikwára do Norte, e é a língua ancestral do grupo homônimo.

O presente trabalho é um recorte do projeto, ainda em andamento, que visa à descrição e análise do componente fonológico da língua Negarotê. Neste artigo, apresentamos o comportamento das consoantes coronais em posição de coda silábica. A língua Negarotê licencia nesta posição duas classes de segmentos: coronais e glotais, sendo as primeiras merecedoras da nossa atenção por apresentarem um número extenso de alofones, cuja realização é previsível e decorrente da assimilação de traços das vogais que as antecedem, sendo consideradas, portanto, como segmentos subespecificados. Neste trabalho, apresentamos as evidências da subespecificação, bem como traçamos uma comparação entre o comportamento dessas consoantes em coda na língua em análise e nas línguas-irmãs, Latundê, Mamaindê e Lakondê (Nambikwára do Norte).

Para a realização do nosso estudo, além do material disponível sobre as línguas Nambikwára, usados para fins de comparação entre as línguas, utilizamos como base teórica as reflexões encontradas em Kenstowicz (1994), Clements & Hume (1995), Hayes (2009). Os dados analisados foram coletados *in loco* pela pesquisadora junto a quatro falantes da língua Negarotê, no ano de 2013. Todos o material foi gravado em áudio digital, que assegura melhor qualidade às gravações e, conseqüentemente, possibilita uma análise mais segura dos dados fonéticos.

O artigo está organizado em quatro seções. Iniciamos apresentando a família Nambikwára, em seguida, situamos o grupo Negarotê, apresentando a sua localização e situação linguística. Na segunda seção, é apresentada brevemente a fonologia segmental do Negarotê. O caso das consoantes coronais em coda silábica é discutido na terceira seção. Na quarta seção, trazemos a comparação entre o Negarotê e as línguas-irmãs. Por fim, tecemos as nossas considerações finais, refletindo sobre os resultados encontrados neste estudo.

## 1. A FAMÍLIA NAMBIKWÁRA

Os índios que historicamente ficaram conhecidos como Nambikwára habitam a região do sudoeste do estado do Mato Grosso e a área adjacente do estado de Rondônia. O grupo conta, atualmente, com cerca de quinze línguas e dialetos, classificados em três ramificações, de acordo com o seu grau de proximidade linguística e a localização das terras tradicionais: Nambikwára do Sul, Nambikwára do Norte e Sabanê (composto apenas pela língua homônima). As línguas de uma mesma ramificação são inteligíveis entre si. Apesar das semelhanças, que possibilitam as comunicações interétnicas, as

---

<sup>1</sup> Agradeço ao CNPq que financiou essa pesquisa por meio da bolsa de Doutorado.

diferenças dialetais são bastante valorizadas, pois servem como marcadores dos membros de cada grupo e contribuem, portanto, para o fortalecimento da identidade étnica.

Tabela 1. Classificação das línguas Nambikwára

Nambikára do Sul	Nambikwára do Norte	Sabanê
1. Hahãintesú 2. Alãntesú 3. Waikisú 4. Wasúsu 5. Kithãulhú 6. Saxuentesú 7. Halotesú 8. Wakalitesú 9. Siwxaisú 10. Nesú	1. Latundê 2. Lakondê 3. Mamaindê 4. Negarotê	1. Sabanê

A língua Negarotê faz parte do ramo Nambikwára do Norte, que é constituído de mais três línguas: Latundê, Lakondê e Mamaindê. Dentre estas, o Lakondê e o Latundê encontram-se em vias de extinção. O grupo Lakondê conta com sete apenas descendentes diretos, mas apenas uma lembradora da língua. Já o Latundê, no ano de 2011, contava com cerca de 20 pessoas na aldeia, ainda falantes da língua tradicional (TELLES, 2014). O grupo Mamaindê é o maior entre os grupos Nambikwára do Norte, formado por aproximadamente 250 pessoas (EBERHARD, 2009, p.14).

Dentre as línguas Nambikwára do Norte, apenas o Negarotê ainda não dispõe de descrição, uma vez que os estudos sobre essa língua são bastante recentes e ainda estão em andamento. Sobre as demais línguas do ramo, dispomos dos trabalhos de Telles (2002), sobre o Latundê e o Lakondê, Eberhard (2009), sobre o Mamaindê, e Braga (2012), também sobre o Lakondê. Foram estes estudos que nos forneceram os dados que possibilitaram a comparação entre o comportamento das consoantes coronais em coda silábica na língua Negarotê e nas suas línguas-irmãs.

### 1.1. Negarotê: localização e situação linguística

Os primeiros contatos do grupo Negarotê com os não índios, ao que se tem notícia, ocorreram entre as décadas de 1920 e 1930, quando descendentes de ex-escravos foram levados à região do Vale do Guaporé – território tradicional Nambikwára do Norte – para participar da extração da borracha.

No final da década de 1940 e início da década de 1950, quando os seringueiros começaram a entrar no seu território, os Negarotê viviam divididos em três aldeias: nadu'yaukuru, yo'kognkuru e 'lepmkuru, próximos ao Rio Piolho. Com o contato, as epidemias e os assassinatos de índios do grupo tornaram-se constantes, o que faz com que os sobreviventes das aldeias nadu'yaukuru e yo'kognkuru buscassem abrigo na aldeia 'lepmkuru, que mais adiante também foi tomada pelos Hahaintesu, grupo Nambikwára do Sul. Por volta dos anos 1970, o grupo foi transferido para a Reserva Nambikwára, onde já viviam índios das etnias do Sul e alguns Mamaindê que haviam sido realdeados. Menos de um ano após a mudança, os Negarotê abandonaram a Reserva e retornaram ao seu território original, onde vivem até hoje.

A Terra Indígena Lagoa dos Brincos, na Reserva Vale do Guaporé, na cidade de Comodoro – MT, é também habitada por índios das etnias Mamaindê, Hahaintesu. Alantesu, Yaikisu e WaslIhsu, todos Nambikwára. De acordo com Eberhard (2009, p.4), “Cada um desses grupos tem o seu espaço tradicional na reserva e, embora suas áreas sejam contíguas, eles normalmente não se aventuram uns nas áreas dos outros”, a exceção seria quanto aos grupos do Norte, Negarotê e Mamaindê, que mantêm uma relação pacífica, com muitos casamentos interétnicos.

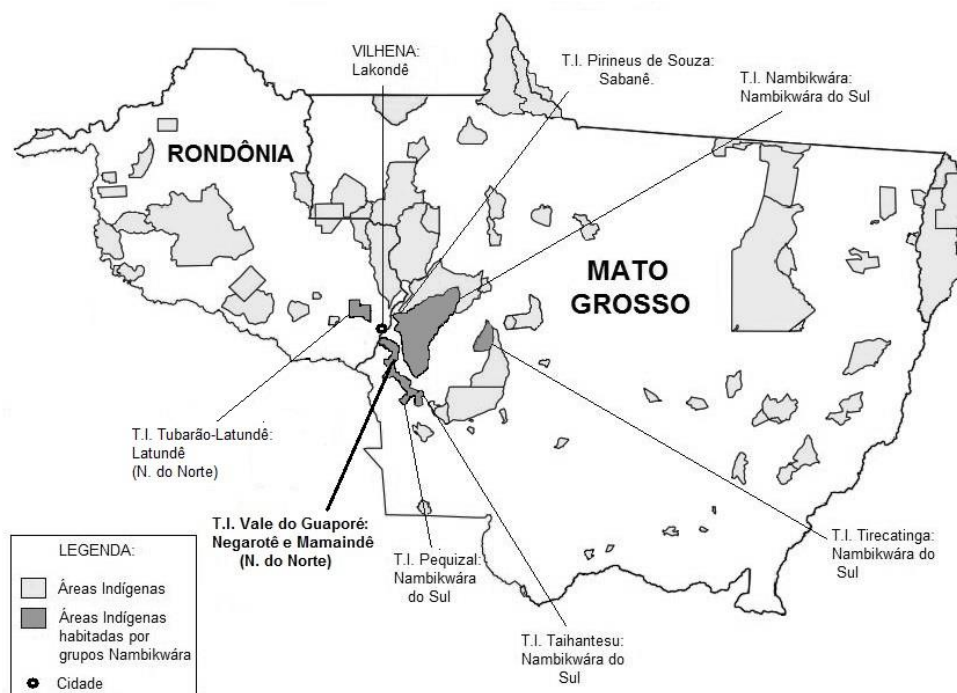


Figura 1. Localização dos grupos Nambikwára. Adaptado de Braga (2012)

Após os contatos com os não índios, decorrente de conflitos e doenças, houve uma baixa significativa na população Negarotê. Em 1972, após uma epidemia de sarampo, apenas sobreviveram oito adultos e quatro crianças<sup>2</sup>. Os oito adultos, quatro casais, foram responsáveis pelo renascimento do grupo, e é desses casamentos que descendem todas as novas gerações Negarotê. Ao início dos anos 1990, o grupo já contava com cerca de 50 pessoas (SOARES, 1992). Atualmente, o grupo é composto por cerca de 140 pessoas, todos falantes da sua língua tradicional.

Em relatório para identificação da área indígena Lagoa dos Brincos, Soares (1992, p.16) explicita que

o uso da língua portuguesa entre os Negarotê é restrito àquelas situações de interação com não-Índios. Há diferentes graus de bilinguismo no grupo. Os mais velhos são virtualmente monolíngues, todos os seus relatos foram feitos na língua nativa e posteriormente traduzidos pelo índio Zezinho, eleito tradutor oficial pelo grupo.

Esta realidade linguística foi também observada em nossa visita a campo, no ano de 2013. Na ocasião, observamos, além do monoliguismo de alguns membros mais velhos da comunidade, alguns jovens com pouquíssima proficiência na língua portuguesa, bem como a resistência das crianças que, falantes passivas da língua “do branco”, recusam-se a falá-la mesmo com os não índios, preferindo usar exclusivamente a língua Negarotê

<sup>2</sup> Informação relatada em comunicação pessoal pelos membros mais antigos do grupo.

para todas as suas comunicações. Este fato pode contribuir para uma melhor compreensão do processo de valorização cultural por que passa a comunidade e a importância da língua na construção da identidade enquanto grupo autônomo.

## 2. ASPECTOS DA FONOLOGIA SEGMENTAL NEGAROTÊ

As línguas Nambikwára do Norte têm como característica comum apresentarem na sua fonologia, em nível segmental, inventários vocálicos mais extensos que os consonantais. Estas línguas podem alcançar um número superior a quinze segmentos vocálicos distintivos. Além das vogais orais, são observadas vogais com os traços nasal e laringal (*creaky voice*), que podem ocorrer sozinhos ou combinados. Os inventários consonantais, por sua vez, embora sejam menores, apresentam complexidade, tais como subespecificação dos pontos de articulação, que será tratada na seção 4.

O Negarotê possui onze fonemas consonantais e dezesseis vocálicos, conforme pode ser visto nas tabelas 2 e 3.

Tabela 2. Fonemas consonantais do Negarotê

	Labiais		Coronais		Dorsal	Glotais
	+ anterior	- anterior	+ anterior	- anterior	- anterior	- anterior
Oclusivas	p		t		k	ʔ
Nasais	m		n			
Lateral			l			
Fricativa			s			h
Glides		w		j		

Tabela 3. Fonemas vocálicos do Negarotê

	VOGAIS			VOGAIS LARINGAIS		
	Frontais	Central	Posteriore	Frontais	Central	Posteriore
	s		s	s		s
Altas	i		u	ᵶ		ᵷ
Altas nasais	ĩ		ũ	ᵶ̃		ᵷ̃
Médias	e		o	ɛ		ɔ
Baixas		a			ᵶ	
Baixas nasais		ã			ᵶ̃	

A estrutura máxima de sílaba no Negarotê é (C)V(V)(C)(C), com uma consoante em *onset*, núcleo ramificado com duas vogais, sendo uma delas o único elemento obrigatório, e duas posições de coda, apenas licenciadas a consoantes. Esta estrutura é a mesma encontrada nas línguas-irmãs Latundê (TELLES, 2014) e Lakondê (BRAGA, 2012). Já a língua Mamaindê apresenta uma estrutura mais extensa, licenciando duas posições no *onset* silábico. A figura 2 mostra os segmentos que podem ocupar cada posição na sílaba.

Apenas duas classes de consoantes são licenciadas a ocupar a coda silábica na língua Negarotê: as coronais, /t, n, s/ e as glotais, /ʔ, h/. Destas, as coronais têm realização mais interessante, por apresentarem um grande número de alofonias, que serão discutidas na nossa próxima seção.

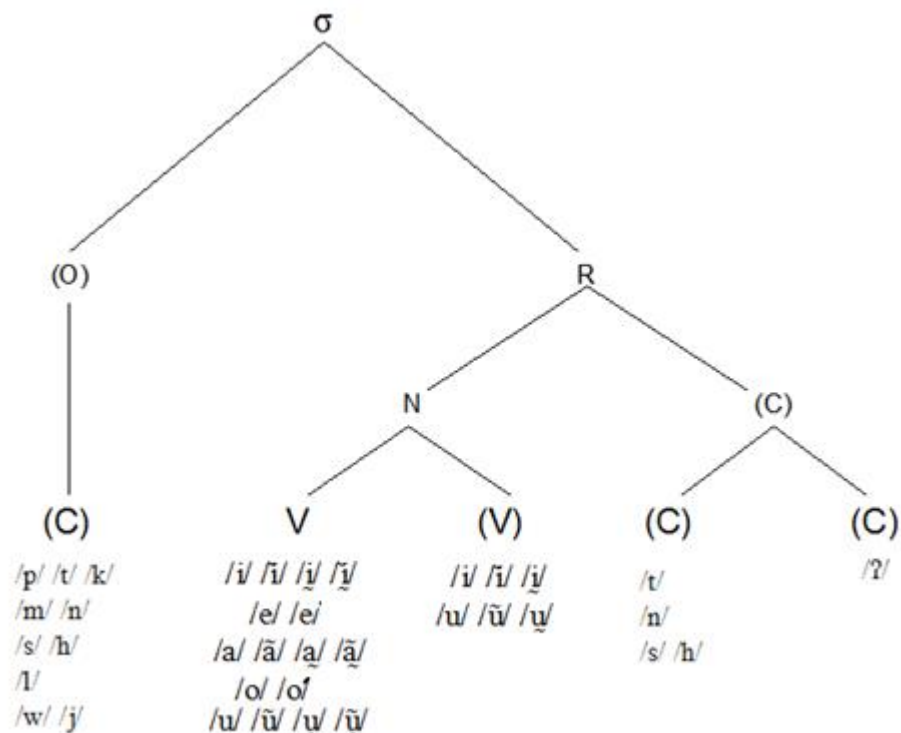


Figura 2. A estrutura silábica Negarotê

### 3. O CASO DAS CONSOANTES EM CORONAS EM CODA SILÁBICA

Um caso interessante da fonologia Negarotê é o comportamento das consoantes coronais em coda silábica. Nesta posição, estas consoantes são bastante vulneráveis à variação. Este fenômeno, chamado por Kenstowicz (1994, p.517) como uma das características da “coronal syndrome”, é comum nas línguas do mundo:

coronals are more susceptible to Place assimilation than noncoronals: many languages (e.g., Lithuanian, Catalan) restrict nasal assimilation to [n], excluding [m] and [ŋ]; in Yakut coda [t] assimilates to a following labial or velar while [p] and [k] do not.

No caso do Negarotê, a consoante coronal em coda recebe a influência das vogais que as antecedem, assimilando seus traços através do espriamento do nó vocálico a partir do núcleo para o nó consonantal. Dessa forma, na superfície, temos a realização de consoantes labiais e velares, além das coronais, embora elas não se confirmem como fonológicas. As evidências da ocorrência das coronais na subjacência são, em grande parte, provenientes do léxico, através das características alveolares ou fricativas que permanecem na palavra em ambientes intervocálicos, nas derivações ou, simplesmente, que podem ser percebidas na variação.

(1) [ˈweik<sub>1</sub>tu]      /weiT-tu/      “criança”

- |     |  |                   |                |
|-----|--|-------------------|----------------|
| (2) | [ <sup>1</sup> we:'raka <sub>1</sub> nãga] | /weiT-ta-kanãNka/ | “uma criança”  |
| (3) | [ka'lik <sub>1</sub> tu]                   | /kaliS-tu/        | “banana”       |
| (4) | [ka'lisna <sub>1</sub> ka <sub>1</sub> tu] | /kaliS-tã-kaT-tu/ | “pé de banana” |

A noção de subespecificação para as consoantes em coda silábica em uma língua da família Nambikwára foi usada pela primeira vez por Price (1978), que empregou uma consoante genérica /C/ para as consoantes subespecificadas nas formas reconstruídas do Proto-Nambikwára (EBERHARD, 2009, p.66). Mais adiante, esta abordagem foi adotada para explicar o comportamento de alguns segmentos consonantais em coda silábica em línguas da família. Seguindo a notação adotada por Price (1978) e assumida posteriormente por Eberhard (2009), adotaremos para esta análise as formas /T/, /N/ e /S/ para indicar as consoantes subespecificadas.

Nas línguas Mamaindê, Latundê e Lakondê são encontradas consoantes coronais em coda silábica. No Latundê, de acordo com Telles (2002), foram observadas a ocorrência de duas coronais em coda silábica, /t/ e /n/, além das glotais /ʔ, h/, entretanto, apenas a nasal é considerada com ponto de articulação não especificado. Este segmento tem seus alofones condicionados ao ambiente em se realiza, assim como nas línguas-irmãs: pode ser labial, [m], quando segue uma sequência Vogal + Glide labial /w/; é alveolar, [n], nos demais ambientes; e pode, ainda que menos recorrente, realizar-se pré-oralizada ou oralizada, [<sup>b</sup>m, <sup>d</sup>n], em sílaba acentuada quando a vogal nuclear é oral. A alveolar /t/, por sua vez, não é considerada subespecificada em Latundê e, na posição de coda silábica, possui apenas dois alofones: [t] e [ʔ].

No Lakondê, Braga (2012, p. 119) relata a ocorrência de quatro segmentos licenciados para ocupar a coda silábica, dentre os quais, apenas uma coronal, a nasal /n/, cujo ponto de articulação é também subespecificado. Os demais segmentos licenciados para a posição são uma velar /k/ e as glotais /ʔ, h/.

Quanto ao comportamento das coronais em coda silábica, o Mamaindê é a língua que apresenta maior semelhança com o Negarotê, com três consoantes coronais, /T/, /N/ e /S/ subespecificadas. A principal diferença entre as duas línguas está no plano fonético, uma vez que o Mamaindê não permite a realização de consoantes [+continuante] em final de sílaba (EBERHARD, 2009, p.80). O mesmo não acontece no Negarotê, em que, na mesma posição, além da fricativa alveolar realizada foneticamente, observamos também a ocorrência da fricativa glotal /h/, dois segmentos [+continuante]. Nos dados fonéticos, estes sons são percebidos facilmente de oitiva, o que, além de confirmar sua presença em coda, fornece-nos mais evidências do seu *status* fonológico.

A seguir, apresentaremos os segmentos coronais subespecificados em coda silábica e suas realizações na língua Negarotê.

### 3.1. A OCLUSIVA SUBESPECIFICADA /T/

A oclusiva subespecificada /T/ tem a sua realização influenciada pela vogal que a antecede, podendo ser realizada como velar [k], quando seguindo vogal alta frontal /i/ sozinha ou em segunda posição de ditongo, /ei/, /ai/, /ui/<sup>3</sup>; como labial [p], quando

---

<sup>3</sup> Nesta mesma posição, no Mamaindê, é realizada uma consoante pré-velar, [k̟] (EBERHARD, 2009, p.65), que não foi observada nos dados do Negarotê.

antecedida por ditongo arredondado /au/ ou /eu/<sup>4</sup>, e como alveolar [t], quando precedida pelas demais vogais.

(5) [ˈseik <sub>1</sub> niru]	/seiT-nih-tu/	“pássaro, tipo de.”
(6) [ˈjajik <sub>1</sub> tu]	/jaiT-tu/	“porco”
(7) [tetˈliːte]	/teTlih-te/	“lixa de folha de milho”
(8) [vutˈduʔ <sub>1</sub> ta]	/wuTtuʔ-ta/	“coquinho quebrado e furado (para fazer artesanato)”
(9) [wəˈjaptsĩ]	/wə-jauT-sĩn/	“sente-se! (imperativo)”
(10) [iˈtaup <sub>1</sub> te]	/itauT-te/	“pegar e quebrar”

Encontramos nos nossos dados apenas um caso de [k] realizado em coda silábica seguindo a vogal alta /u/:

(11) [jukˈliːʃiˈd <sub>1</sub> du]	/juTlih-ʃjn-tu/	“carne de piau”.
------------------------------------	-----------------	------------------

### 3.2. A FRICATIVA SUBESPECIFICADA /S/

A fricativa subespecificada /S/ tem comportamento idêntico ao da oclusiva subespecificada /T/, inclusive no que tange ao condicionamento dos seus alofones.

Quando segue vogal alta anterior /i/, sozinha no núcleo silábico ou formando os ditongos /ai/, /ei/ e /ui/, /S/ é realizado como a velar [k]. Quando precedida por ditongo arredondado /au/ ou /eu/, a forma labial [p] é a preferida. Seguindo as demais vogais, /a/, /e/, /o/ ou /u/, a realização de /S/ pode variar entre [t], a forma preferida, e [s], que ocorre com menor frequência<sup>5</sup>.

(12) [naˈkik <sub>1</sub> tu]	/nakiS-tu/	“cabelo”
(13) [ˈkɔp <sub>1</sub> t <sup>h</sup> u]	/kauS-tu/	“cuia/tigela”
(14) [ˈhoː <sub>1</sub> tu]	/hoS-tu/	“macaco”
(15) [nusˈta <sub>1</sub> du]	/nuStaN-tu/	“barriga”

As formas fonéticas que se realizam a partir das formas subjacentes /T/ e /S/ são as mesmas, [p], [t], [k], entretanto, é a presença do traço [+estridente] que permanece na sílaba e se manifesta, sobretudo, em ambientes intervocálicos (ver exemplos 1, 2, 3 e 4), que diferencia a coda subespecificada /S/ de /T/. Sendo assim, em coda silábica, temos o seguinte:

<sup>4</sup> É um fenômeno comum às línguas Nambikwára do Norte o apagamento da segunda vogal nuclear em ditongos arredondados. Nestes casos, a vogal pode ser recuperada através do ponto de articulação da consoante realizada na coda silábica (ver exemplo 9). Uma vez que a realização da consoante labial em coda é condicionada pela presença de ditongo arredondado no núcleo silábico, [m] não poderia derivar de \*/am/ ou \*/em/.

<sup>5</sup> Não foi atestado nas línguas Latundê, Lakondê e Mamaindê a realização fonética da fricativa alveolar em coda silábica, sendo esta uma realização específica do Negarotê. Apesar disso, no Mamaindê, a fricativa tem status fonológico, podendo ser recuperada em ambiente intervocálico, através da presença do traço [+estridente] que permanece na consoante no processo de ressilabificação.

- /T/ → [-estridente] [-nasal]  
 /S/ → [+estridente] [-nasal]  
 /N/ → [-estridente] [+nasal]

### 3.3. A NASAL SUBESPECIFICADA /N/

Em posição de coda silábica, a consoante nasal tem um comportamento bastante singular: é a consoante que se realiza com o maior número de alofones, os quais, assim como nos demais casos de subespecificação da coronal em Negarotê, são condicionados pelas vogais que a antecede. Portanto, podemos dizer que o ponto de articulação da consoante nasal em posição de coda silábica é subespecificado.

Nesta posição, a nasal pode ser realizada como [m], [n], [ŋ], [b̥m], [d̥n], e [ɣŋ]. As formas labial [m] e velar [ŋ] têm sua realização condicionada pela presença de ditongos terminados em vogais altas. Nestes casos, /N/ assimila o ponto de articulação do ditongo, labial ou dorsal, realizando-se [m] ou [ŋ], respectivamente. Dessa forma, [m] é preferida quando segue ditongos nasais terminados em /u/. Já a velar, é preferida seguindo ditongos nasais terminados em /i/.

- |      |                           |             |                        |
|------|---------------------------|-------------|------------------------|
| (16) | [ <sup>1</sup> nãm,du]    | /nãũN-tu/   | “cupim, tipo de.”      |
| (17) | [ <sup>1</sup> hiũm,de]   | /hiũN-te/   | “dormir”               |
| (18) | [ <sup>1</sup> mãĩŋgi,nĩ] | /mãĩN-kanĩ/ | “caju do mato (polpa)” |

Seguindo vogais nasais sozinhas no núcleo silábico, a nasal alveolar, [n], é o alofone preferido.

- |      |                          |            |              |
|------|--------------------------|------------|--------------|
| (19) | [i <sup>1</sup> tã:n,du] | /itãN-tu/  | “dinheiro”   |
| (20) | [wã <sup>1</sup> nũ:n]   | /wãnũN/    | “bom/bonito” |
| (21) | [ <sup>1</sup> nũŋgi,ru] | /nũNki-tu/ | “peito”      |

Em coda silábica, a nasal pode ainda ser apagada. Nesses casos, /n/ pode ser recuperada através dos processos que ela engatilha, que ocorrem mesmo quando ela não se realiza: o alongamento compensatório da vogal nuclear e o vozeamento da consoante em onset da sílaba seguinte.

As formas nasais [m], [n] e [ŋ], embora sejam preferidas em ambientes nasais, podem, opcionalmente, ocorrer em ambientes orais. Na língua Negarotê, a assimilação regressiva do traço nasal só acontece em sílaba não acentuada. Em sílaba tônica, este traço é contrastivo e, por isso, a nasalização é evitada. Nesses casos, quando diante de consoante nasal em coda, as vogais orais tendem a ser alongadas, fortalecendo-se e evitando o espraiamento do traço nasal<sup>6</sup>.

- |      |                           |             |                |
|------|---------------------------|-------------|----------------|
| (22) | [ai <sup>1</sup> ke:m,du] | /aikeuN-tu/ | “fósforo/fogo” |
|------|---------------------------|-------------|----------------|

<sup>6</sup> Este comportamento é comum a todas as línguas Nambikwára do Norte. Em todas estas línguas é relatada a existência de contraste fonológico entre vogais nasais e orais em sílabas tônicas e assimilação regressiva da nasal apenas em sílaba átona.



- |                   |            |                    |
|-------------------|------------|--------------------|
| (23) [ˈko:n,du]   | /koN-tu/   | “tartaruga”        |
| (24) [na,ka:nˈhã] | /nakaN-hã/ | “escuta?/entende?” |

Outra evidência da tendência da língua a evitar o espriamento da nasalização em sílaba acentuada é a realização de nasais pré-oralizadas seguindo vogais orais em sílabas tônicas<sup>7</sup>. De acordo com Wetzels (2009, p. 252), segmentos de contorno envolvendo uma fase oral e uma fase nasal são comuns nas línguas indígenas da América do Sul e podem ser observados também em línguas africanas e australianas. Ainda de acordo com o teórico, em línguas com contraste entre vogais nasais e orais, os segmentos de contorno são mais comumente encontrados em coda silábica do que em onset, uma vez que nessas línguas “the specific distribution of contour consonants could be interpreted as being motivated by the enhancement of the oral/nasal contrast on vowels.” (WETZELS, 2009, p.260).

O ponto de articulação das consoantes, assim como ocorre com as formas simples, é definido pelo ambiente adjacente. As consoantes pré-oralizadas nunca seguem vogais nasais. Seguindo ditongos arredondados, /iu/, /eu/ e /au/, a forma labial [b<sup>m</sup>] é preferida. [ɠn] são realizadas seguindo vogal alta /i, u/ ou após o ditongo /ei/, mas apenas diante de consoante oclusiva velar /k/. A forma [d<sup>n</sup>] é realizada seguindo as demais vogais e ditongos, incluindo /ei/, quando a nasal não está diante da velar /k/.

- |                                 |             |                        |
|---------------------------------|-------------|------------------------|
| (25) [ˈle <sup>b</sup> m,du]    | /leuN-tu/   | “anta”                 |
| (26) [haiˈei <sup>ɠ</sup> n,du] | /haieiN-tu/ | “maria-fedida, planta” |
| (27) [ˈʃu <sup>d</sup> n,de]    | /suN-te/    | “matar”                |
| (28) [haˈlai <sup>d</sup> n,du] | /halaiN-tu/ | “raio”                 |
| (29) [ˈka <sup>d</sup> n,du]    | /kaN-tu/    | “abacaxi do campo”     |
| (30) [jaˈho <sup>d</sup> n,du]  | /jahoN-tu/  | “velho (pajé)”         |

Nos dados analisados, encontramos apenas duas ocorrências que [ɠn] em ambiente diferente do exposto:

- |                               |                         |                          |
|-------------------------------|-------------------------|--------------------------|
| (31) [ˈa <sup>ɠ</sup> n,du]   | /a <sup>n</sup> -ˈtu/   | “caixinha de marimbondo” |
| (32) [ˈtei <sup>ɠ</sup> n,du] | /tei <sup>n</sup> -ˈtu/ | “rede de dormir”         |

#### 4. AS CORONAIIS EM CODA SILÁBICA NAS LÍNGUAS NAMBIKWÁRA DO NORTE: COMPARAÇÃO ENTRE O NEGAROTÊ E AS LÍNGUAS-IRMÃS

Na tabela 4, apresentamos os segmentos que ocorrem em coda silábica e seus alofones nas línguas Negarotê, Mamaindê, Latundê e Lakondê<sup>8</sup>.

<sup>7</sup> Este processo não é obrigatório: ocorre em determinadas palavras, mas é evitado em outras. Dessa forma, acreditamos que deve haver algo além do ambiente que motive a realização das nasais pré-oralizadas e pré-laringalizadas em algumas palavras e as evite em outras, em ambiente idêntico. Por isso, entendemos que este fenômeno ainda merece ser melhor estudado.

<sup>8</sup> Não foram observadas labiais em coda silábica com status fonológico.

Tabela 4. Comparação entre as consoantes em coda nas línguas Nambikwára do Norte

		Negarotê	Mamaindê	Latundê	Lakondê
Coronais	Plosivas	t [p, t, k]	t [t, k̠]	t [t, ʔ]	
	Fricativas	s [p, t, k, s]	s [p, t, k]		
	Nasais	n [m, n, ŋ, <sup>b</sup> m, <sup>d</sup> n, <sup>ɠ</sup> ŋ]	n [m, n, ŋ, <sup>b</sup> m, <sup>d</sup> n, <sup>ɠ</sup> ŋ]	n [m, n, <sup>b</sup> m, <sup>d</sup> n]	n [m, n, ŋ, <sup>b</sup> m, <sup>d</sup> n, <sup>ɠ</sup> ŋ]
Dorsal	Plosiva				k [k]
Glotais	Plosivas	ʔ [ʔ]		ʔ [ʔ, p, b, t, d, j, w]	ʔ [ʔ, t]
	Fricativas	h [h, ʔ]		h [h]	h [h]

Dentre as quatro línguas que formam o ramo Nambikwára do Norte, observamos em todas a presença de pelo menos uma consoante coronal que ocorre em coda silábica: /t, s, n/, em Negarotê e Mamaindê; /t, n/, em Latundê e /n/ em Lakondê.

A noção de subespecificação, que explica o comportamento das consoantes coronais em coda nas línguas Negarotê e Mamaindê, foi adotada no Latundê e Lakondê apenas para explicar as várias alofonias da consoante nasal. Quanto a esta consoante, o condicionamento para a realização dos alofones é o mesmo nas quatro línguas: o ponto de articulação da nasal é determinado pela vogal ou ditongo que a antecede. Entretanto, de acordo com Telles (2002, p.56-57), a oralização ou pré-oralização da nasal é pouco frequente em Latundê, o que sinaliza um estágio mais avançado de mudança linguística desta língua em relação às outras da família, em que o fenômeno é ainda bastante comum.

Outra diferença entre o Negarotê, o Latundê e o Lakondê, é relacionada à interpretação dos segmentos oclusivos realizados foneticamente em coda silábica. Enquanto no Negarotê e no Mamaindê estes segmentos derivam das consoantes coronais, no Latundê, eles são alofonias da oclusiva glotal, resultado de assimilação progressiva do ponto de articulação da consoante em onset da sílaba seguinte (TELLES, 2002, p.76). No Lakondê, além da assimilação progressiva da qual deriva a realização da alveolar [t], há uma dorsal subjacente, realizada como [k], que não é observada em nenhuma outra língua do ramo (BRAGA, 2012).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, foi discutido o caso das consoantes coronais em coda silábica na língua Negarotê, com o objetivo de descrever um aspecto da fonologia segmental desta língua. Este estudo faz parte de um projeto maior, ainda em andamento, cujo objetivo é a descrição e análise do componente fonológico do Negarotê, que ainda carece de estudo e registro. Além disso, buscamos aqui traçar uma comparação entre as ocorrências de consoantes em final de sílaba no Negarotê e nas línguas-irmãs Latundê, Mamaindê e

Lakondê. Para tanto, utilizamos os dados encontrados nos trabalhos de Telles (2002), Eberhard (2009) e Braga (2012), respectivamente, a fim de contribuir para uma melhor compreensão da tipologia linguística da família Nambikwára, mais especificamente, do ramo Nambikwára do Norte.

A partir dos dados analisados, observamos que há uma maior proximidade, no que concerne ao comportamento das coronais em coda silábica, entre as línguas Negarotê e Mamaindê, e um maior distanciamento da primeira em relação ao Latundê e ao Lakondê. Este fato corrobora com a divisão dos grupos Nambikwára do Norte proposta por Telles (2002, p.27), segundo a qual os dialetos deste ramo podem ser subdivididos em dois grupos dialetais, de acordo com o seu grau de distanciamento genético: de um lado, Latundê, Lakondê e Tawandê (língua já extinta), e do outro, Mamaindê e Negarotê. O distanciamento genético entre essas línguas pode ser devido ao deslocamento prematuro dos grupos Latundê e Lakondê das suas terras tradicionais e à relação histórica de amizade entre os Negarotê e o Mamaindê.

Apesar das semelhanças entre as línguas, podemos também observar as particularidades de cada uma delas. É o reconhecimento dessas pequenas diferenças que, embora não comprometam a comunicação entre os grupos, marcam a independência e a identidade de cada etnia em relação às outras.

## REFERÊNCIAS

- BLEVINS, Juliette. The Syllable in Phonological Theory. In: GOLDSMITH, John A. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1995. p. 206-244.
- BRAGA, Ana Gabriela. *Fonologia segmental do Lakondê (Família Nambikwára)*. Recife: UFPE, 2012. 159p. Dissertação (Mestrado em Letras), Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2012.
- CLEMENTS, G. N.; HUME, Elizabeth V. The Internal Organization of Speech Sounds. In: GOLDSMITH, John A. (ed.). *The Handbook of Phonological Theory*. Oxford: Blackwell, 1995. p. 245-306.
- EBERHARD, David. *Mamaindê Grammar: a Northern Nambikwára Language and its cultural context*. Amsterdã: Vrije Universiteit, 2009. 608p. Tese (Doutorado em Linguística), Vrije Universiteit, Amsterdã, 2009.
- HAYES, Bruce. Phonemic Analysis. *Introductory Phonology*. 2009. p.2-27.
- KENSTOWICZ, Michael. *Phonology in Generative Grammar*. Oxford: Blackwell, 1994.
- LADEFOGED, Peter; MADDIESON, Ian. *The Sounds of the World's Languages*. Cambridge: Blackwell Publishers Inc, 1996.
- n.1. 1978. p.14-35.
- PRICE, David. The Nambiquara Linguistic Family. *Antropological Linguistics*. v.20.
- SEKI, Lucy. Línguas indígenas do Brasil no limiar do século XXI. *Impulso*, Piracicaba, v. 12, n. 27, p. 233-246, 2000. Disponível em: <<http://www.unimep.br/phpg/editora/revistaspdf/imp27art11.pdf>>. Acesso em 05 set 2014.
- SOARES, Neila. Os Negatorê e o Processo de Identificação da Área Indígena Lagoa dos Brincos. XV Reunião Anual da ANPOCS, 1992. Disponível em: <[http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com\\_docman&task=doc\\_view&gid=7174&Itemid=365](http://www.anpocs.org/portal/index.php?option=com_docman&task=doc_view&gid=7174&Itemid=365)>. Acesso em 05 set. 2014.
- TELLES, Stella. *Fonologia e Gramática Latundê/Lakondê*. Amsterdã: Vrije Universiteit, 2002. 398p. Tese (Doutorado em Letras). Vrije Universiteit, Amsterdã, 2002.
- \_\_\_\_\_. *Traços laringais em Latundê (Nambikwára do Norte)*. *Boletim do Museu Paraense Emilio Goeldi*. v.8, n.2, 2013. p.291-306.

WETZELS, William Leo. Thoughts on the phonological interpretation of {nasal,oral} contour consonants in some indigenous languages of south-america. *Alfa*. v.52. n.2. São Paulo, 2008, p.251-278.